



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

Sub-eixo: Relações étnico-raciais, povos indígenas, negros/as, quilombolas, ribeirinhos e desigualdades

A IMIGRAÇÃO NA VIDA DAS MULHERES ANGOLANAS RESIDENTES EM SÃO PAULO

MARIA AUXILIADORA DELGADO LIMA ¹
ISABELLA KEIKO MARINHO VIEIRA ¹
ALESSANDRA MEDEIROS ¹

RESUMO

A questão migratória é um tema pertinente, não só por ser um fenômeno mundial, mas também pelos efeitos que ela acarreta. Vivemos tempos difíceis, tempos de crises que continuam provocando mais imigrações. Vale a pena ressaltar que o mundo inteiro está passando por dificuldades financeiras devido à pandemia de corona vírus. Os imigrantes saem dos seus países fugindo do desemprego e buscando condições melhores de vida. Eles se deslocam para outros países, que consideram mais desenvolvidos, isso por sua vez acaba agravando as crises nos países de destino. O nosso TCC aborda a migração da mulher angolana ao Brasil, buscamos entender os motivos que provocam essa saída e como essas mulheres são acolhidas aqui no Brasil, por fim, apresentaremos a pesquisa onde as próprias angolanas falam da sua chegada, acolhida e inserção no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Migração, Angola, Mulheres migrantes, São Paulo

ABSTRACT

¹ Estudante de Graduação. Centro Universitário Assunção

The migration issue is a relevant topic, not only because of being a worldwide phenomenon, but also because of the effects it causes. We live in difficult times, times of crisis that continue to cause more immigration. It is worth noting that the entire world is experiencing financial problems due to the corona virus pandemic. Majority of the immigrants leave their countries fleeing from unemployment and seeking for better living conditions. They move to other countries, which they consider to be more developed. This ends up aggravating the crises in the destination countries. Our thesis focuses on the migration of the Angolan women to Brazil seeking to understand the reasons that cause this departure and how these women are welcomed here in Brazil. Finally, the thesis presents the research where the Angolan women themselves talk about their arrival, reception and insertion in the job market.

Keywords: Migration, Angola, Migrant women, São Paulo

INTRODUÇÃO

A escolha de um tema sempre é um processo longo e penoso, pois ao longo do nosso curso pensamos em vários temas, desistimos de alguns, abordamos outros até a metade e largamos até chegar a escolher o nosso tema preferido, ou melhor dizer, até o tema da conclusão do nosso curso nos escolher. Até o presente resultado, vários temas foram surgindo, entre eles: Violência contra mulher, violência contra criança e adolescente, pessoas com deficiência, saúde da mulher em situação de rua, o abuso sexual de crianças, a migração das mulheres, até, finalmente "O Impacto Social da Imigração na vida das Mulheres Angolanas em São Paulo".

O tema destacado chama atenção devido a trajetória de vida de uma das autoras, que encontrasse vivendo no Brasil há 13 anos e, como estrangeira vivenciou as dificuldades que se passam numa terra desconhecida.

Esse tema além de ser pertinente também se enquadra dentro das expressões da questão social. Embora o tema seja de suma importância, ele tem sido pouco abordado, e por isso há necessidade de pesquisá-lo e aprofundá-lo.

Em primeiro lugar, abordamos esse tema a fim de entender a questão da imigração hoje em dia. Aqui buscamos compreender a questão da documentação e

a estadia das mulheres angolanas antes e depois de conseguirem os documentos. Perguntamo-nos, como as mulheres angolanas conseguem financiar a sua estadia aqui em São Paulo? Por acaso conseguem uma ajuda financeira, seja da parte do governo ou de outras entidades? Será que as mulheres angolanas conseguem se regularizar aqui no Brasil? Quanto tempo leva para elas conseguirem os documentos? Que políticas públicas são oferecidas à elas? Essas e mais outras questões são as perguntas que buscamos levantar e tentar responder ao longo da nossa pesquisa.

Em segundo lugar, ao abordar esse tema procuramos entender os motivos que levam essas angolanas a deixarem seu país de origem e porque escolheram o Brasil como país de destino. Sabe-se que em meados de 1980 muitos angolanos deixaram seu país devido à guerra, outros por questões de saúde em busca de tratamento e algumas mulheres a fim de conseguir a fertilização. Pelo contato com algumas mulheres angolanas que foram obrigadas a deixar seu país por causa das razões já mencionadas, consideramos importante compreender a sua imigração ao Brasil, suas dores ao chegar aqui, suas lutas para conseguir trabalho e sua inserção na sociedade brasileira. Contudo, a pesquisa busca entender a trajetória de cada angolana pesquisada e a história que desejam contar.

Vale a pena ressaltar que aqui focamos na questão da imigração, que é uma manifestação da questão social e, portanto, um assunto de suma importância e relevância para o Serviço Social. Trata-se não apenas da imigração, mas também das injustiças, abusos e o machismo que levam essas mulheres angolanas a saírem do seu país de origem em busca de refúgio e como vão se inserindo na grande Metrópole. De acordo com o INE (Instituto Nacional de Estatística), em Angola a violência doméstica é um fator que contribui para os conflitos nas famílias e, conseqüentemente, impactam toda a sociedade. A economia também contribui nessas migrações, pois algumas mulheres saem do seu país de origem rumo a países estrangeiros em busca de uma vida melhor. Enfim, esse tema aborda manifestações da questão social como a desigualdade de gênero, questões econômicas, abusos, machismo, integração e sofrimento; diante das quais o Serviço Social não pode se omitir.

A cidade de São Paulo vem se transformando no destino de centenas de mulheres angolanas desde o ano de 2014, muitas delas vítimas da crise e da violência. Com esse fluxo migratório de mulheres, a imprensa deu uma cobertura tão intensa e crítica a essas chegadas de grande número de mulheres que levou o poder público a uma política de acolhida. Isso também despertou uma curiosidade investigativa por parte da Polícia Federal que instaurou um inquérito para saber o motivo dessa migração, como estudou Lya Amanda Rossa e Marilda A. Menezes no texto Mulheres angolanas em São Paulo: "novos" contornos de migrações e refúgio.

De acordo com FURTADO (2020) a partir de 2011, diante da reconfiguração do contexto geopolítico internacional, São Paulo passou a ser o principal destino da migração angolana no Brasil.

Essa mesma autora coloca que, no decorrer dos anos, o fluxo migratório de Angola foi tendo diversas características e perfis, já que as mulheres ganham lugar de destaque pelas especificidades, complexidade, dificuldades e potencialidades, características deste grupo, porém cada uma apresentando um perfil específico, pois, conseqüentemente são singulares e os desafios são enfrentados tanto no âmbito individual como coletivo.

1. A IMIGRAÇÃO E A INSERÇÃO DAS MULHERES ANGOLANAS EM SÃO PAULO.

Esse título tem por objetivo abordar a temática da imigração da mulher angolana ao Brasil, especificamente na cidade de São Paulo. Para atingir esse objetivo, faz-se necessário entender o fenômeno imigratório, os aspectos históricos que contribuíram e ainda impulsionam essa migração, os motivos que levam essas mulheres a escolherem o Brasil como o país de destino, a chegada e a acolhida e finalmente a sua inserção nessa grande Metrópole.

2.1 O fenômeno imigratório no mundo

Consideramos importante entender o fenômeno imigratório no mundo para que possamos demonstrar como o número dos imigrantes vem crescendo nos últimos anos. Embora não seja o foco deste subtítulo, é importante ressaltar que há

inúmeros motivos que impulsionam essas migrações; por exemplo: guerras civis nos países de origem obrigando o povo a encontrar outros lugares, se deslocando em busca de melhores condições de vida por exemplo.

O relatório de migração internacional da ONU de 2015 revela que o número de imigrantes havia crescido muito nos últimos quinze anos. Até o momento, cerca de 244 milhões de pessoas encontravam-se espalhadas no mundo inteiro. Em 2000 eram 173 milhões de pessoas. Dez anos depois esse número subiu para 222 milhões de imigrantes. Aproximadamente 76% desses imigrantes internacionais escolheram a Europa, e 75% hospedaram-se na Ásia. A América do Norte por sua vez hospedou cerca de 54 milhões de pessoas. Em seguida vêm África, América Latina e Caribe, Oceania respectivamente com 21, 9 e 8 milhões de pessoas hospedadas. De acordo com esse relatório, em 2000 a porcentagem das mulheres que imigraram foi 49%, entretanto, esse número caiu para 48% em 2015. Nessa época, os africanos que se deslocaram representavam 14% dos 244 milhões de migrantes internacionais mencionados anteriormente.²

Percebe-se que o relatório da ONU apresenta um número relativamente menor dos africanos que migraram entre 2000 e 2015, todavia, os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontam que no ano 2010 o Brasil havia acolhido 10.600 africanos e que esse número subiu para 40.600 em 2015. A maioria desses africanos vinham de países da língua portuguesa.

2.2 A imigração angolana ao Brasil

Nos últimos anos o Brasil tem sido destino de inúmeros imigrantes e refugiados advindos do mundo inteiro. Nota-se que no final do século XX e no início do século XXI os imigrantes internacionais no Brasil são provenientes sobretudo de países do Sul Global, elegem como destino principalmente a região sudeste do país e, em sua maioria, cerca de 66%, são homens.³

²Dados obtidos no site da Organização das Nações Unidas (ONU). International Migration report. Disponível: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2015>. Acesso em 29 de julho de 2021.

³SANTOS, Aline Lima, NOVAES, D. Trevisi Prado e CHAVES Maria de Fátima Guedes: *Mulheres angolanas no Brasil: Reflexões sobre migrações, gênero e maternidade*. Vol. 3, número 2

Há pesquisas que atribuem a imigração angolana ao Brasil à afinidade cultural e linguística entre esses dois países e outros da língua portuguesa. Devido a essa afinidade e outros fatores, evidencia-se que entre nos anos 2010-2015 a maior parte da imigração recebida pelo Brasil foi proveniente do continente africano, de modo especial, dos países da língua portuguesa; são eles: os angolanos 27,3%; guineenses 6,8%; cabo-verdianos 6,3% e moçambicanos 6,1% totalizando a 46,5% das imigrações nesse período.⁴

Independente dos motivos que provocaram essa migração, a migração angolana para o Brasil não pode ser tratada como um fato isolado, ou um problema de um país que no nosso caso é Angola. Não se trata do país de origem e muito menos do país de destino. Vivemos tempos em que a migração é um problema global, e este conseqüentemente afeta toda a humanidade. FURTADO (2020) deixa isso claro ao afirmar:

Abordar a temática das migrações contemporâneas é abordar uma componente de estruturação de uma sociedade globalizada. Se torna impossível, portanto, analisar isoladamente as causas e conseqüências do fenômeno nos locais de origem ou nos locais de destino, na forma de um dualismo metodológico, frequentemente assumido nas análises sobre o fenômeno. A migração não se limita ao fluxo de pessoas. Está essencialmente vinculada aos fluxos de bens materiais e simbólicos, informações, capital, valores culturais entre os territórios e tantos outros fatores que tornam a migração um fenômeno complexo⁵.

Portanto, falar da migração angolana, embora seja um fato específico, implica ao mesmo tempo compreender a migração e suas conseqüências para a humanidade como um fenômeno global.

De acordo com PAULA (2018) esclarece que imigração angolana ao Brasil pode ser dividida em três fases distintas: migração forçada ou obrigatória, migração

jul/dez/2018. p.1.

4PAULA, Valéria Sanchez de. *Imigrantes angolanas em São Paulo; Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais*. São Paulo: Universidade Aberta, 2018. p. 23.

5FURTADO, Sofia Caselli. *Migrações angolanas*. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2020. p.11.

de fuga I e migração de fuga II.⁶ Além dessas três fases podemos acrescentar mais uma que é a de uma migração livre, pois há casos de algumas mulheres que escolheram se deslocar para o Brasil por opção própria.

Ao falar da migração forçada lembramos o período entre 1700 a 1810 quando cerca de 1,9 milhões de africanos foram forçados e trazidos ao Brasil, 1,3 milhões eram angolanos. Consideramos essa como uma migração obrigada, pois a mulher angolana foi trazida ao Brasil contra a sua própria vontade, nem sequer saber para onde estava sendo levada.⁷ BENJAMIN (2008) também considera essa vinda dos escravos oriundos do continente africano como uma imigração forçada:

A colonização do Brasil somente foi possível com a migração forçada dos africanos. Portugal tinha uma reduzida população, que não poderia vir a povoar os grandes espaços do Brasil. A escravidão do índio demonstrou-se insuficiente para realizar o trabalho produtivo da nova colônia. Foram então trazidos da África milhares de homens e mulheres, num período de quatro séculos.⁸ (Benjamin, 2008, p.241).

Segundo Cunha, esse deslocamento do povo africano para o território brasileiro configura-se como um movimento de grande escala e impacto, tanto para o território de origem quanto para o que os recebeu. Nota-se que Cunha aborda a importância da troca que nasce do encontro entre as duas culturas, embora tenha nascido de uma migração forçada. Hoje, é importante apreciar esse encontro, pois é dele que nasceu o povo brasileiro de hoje.⁹

A segunda e a terceira fases estão diretamente ligadas às crises político-militares em Angola. Segundo Sanchez a segunda fase configura-se como uma fuga do território angolano devido à guerra civil e teve seu início no ano 1957 atingindo seu ápice em 1958. A terceira fase por sua vez relaciona-se ao fato de os imigrantes angolanos assumirem o caráter de refugiados enquanto na terra brasileira.¹⁰

Após a sua independência em 1975, Angola caiu em uma guerra civil que fez

⁶PAULA, Valéria Sanchez de. *Imigrantes angolanas em São Paulo; Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais*. São Paulo: Universidade Aberta, 2018. p. 24.

⁷*Ibidem*. p. 24

⁸BENJAMIN, R. Festas da afro-descendência. In: *Cultura popular e educação*. Brasília. Secretaria de educação à distância. p.241-246.

⁹<http://museudaimigracao.org.br/escravidao-africana-como-migracao-forcada/> (texto publicado) especialmente para a exposição: escravidão africana como migração forçada. Acesso em 19/07/2021

¹⁰PAULA, Valéria Sanchez de. *Imigrantes angolanas em São Paulo; Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais*. São Paulo: Universidade Aberta, 2018. p. 25.

com que o país demorasse a se reerguer. O país estava vivendo o pior momento da sua história.

Esse período é caracterizado pelo desemprego. SEBASTIÃO (2012) explica a situação que o país vivia nesses termos:

Depois de Angola ter alcançado a independência de Portugal em 11 de novembro de 1975, o país travou uma segunda guerra civil que inviabilizou o desenvolvimento e a mobilidade de pessoas e bens. Os conflitos provocaram o abandono das indústrias e empresas dos proprietários e gestores portugueses, provocando uma redução na produção nacional transformando a economia angolana na informalidade.¹¹

Outro fator que provocou a redução na produção e aumento no desemprego foi a Política de licenciamento, confisco e nacionalização das empresas abandonadas pelos proprietários. No período após a independência, o país não possuía quadros suficientes para substituir os postos de trabalho abandonados pelos estrangeiros.¹²

A guerra civil angolana se estendeu até 2002. Muitos angolanos foram obrigados a fugir do seu país rumo ao Brasil. De acordo com FURTADO (2020), em 2000 havia 392 imigrantes angolanos vivendo em São Paulo e 971 no Rio de Janeiro. A maioria eram homens, principalmente, jovens que usavam a imigração como saída para estudar e fugir do recrutamento militar. Essa imigração, portanto, qualifica-se como uma imigração obrigada, pois se deu entre 1993 e 2000, período em que os conflitos políticos se intensificaram em Angola.¹³

Embora a maioria das angolanas tenha saído de Angola por motivos fora de seu controle, há outras que por vontade própria escolheram vir para o Brasil, como é o caso das muambeiras, mulheres angolanas que vão ao Brás para comprar roupas e outros produtos para revender no seu país. Outras mulheres angolanas ocasionalmente vêm ao Brasil para fazer consultas médicas, especialmente, as que

11SEBASTIÃO, João Mahinga. Aspectos do Mercado de Trabalho em Angola: O período colonial, pós a independência e o período pós o fim da guerra civil década de 2000. Araraquara, SP: UNESP, 2012. p. 20.

12SEBASTIÃO, João Mahinga. Aspectos do Mercado de Trabalho em Angola: O período colonial, pós a independência e o período pós o fim da guerra civil década de 2000. Araraquara, SP: UNESP, 2012. p. 20.

13FURTADO, Sofia Caselli. *Migrações angolanas*. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2020. p. 64.

optam por acompanhamento médico durante a gravidez.¹⁴

2.3 Motivos que levam a mulher angolana a sair do seu país

Há inúmeros motivos que fazem com que a mulher angolana decida sair do seu país rumo ao Brasil. Em alguns casos a mulher angolana é obrigada a fugir, enquanto em outros ela mesma faz uma escolha sem ser forçada a isso. Aqui discutiremos esses motivos a fim de entender como essas mulheres chegaram aqui no Brasil.

Antes de tudo é necessário compreender como a mulher angolana é vista e tratada no seu próprio país, seja pela sua família biológica ou pelo seu companheiro. FURTADO (2020) aponta que havia muita desigualdade entre a mulher angolana e o homem angolano, por exemplo, em 2018, 62% dos homens de 15 anos concluíram pelo menos o ensino primário, enquanto apenas 42% das mulheres tinham concluído o mesmo ensino. No mesmo período, 20% das mulheres entrevistadas disseram ter sofrido violência doméstica. Ao mesmo tempo, 32% das mulheres entre 15 a 49 anos de idade tinham sofrido violência física, emocional ou sexual.¹⁵

É interessante perceber que a mulher angolana não participa na tomada de decisões importantes. Isso demonstra o quanto o país é machista. Em 2016, apenas 37% das mulheres ocupavam assentos no parlamento e só 11% eram governadoras provinciais. Fica evidente que há uma sub-representação da mulher na vida política, econômica e pública.¹⁶

Vale a pena ressaltar que a mulher angolana sempre foi vítima de uma cultura desigual e machista. De acordo com FURTADO (2020), a mulher angolana sempre vive em submissão ao seu companheiro, é menos empregada, quando empregada recebe menos salário, é forçada a se casar cedo, é excluída na tomada de decisões importantes, se torna mãe antes de encerrar o ensino médio, é vítima de violência e opressão dentro de seus lares e é sobrecarregada. Essa mesma autora considera a alta taxa de fecundidade como um fator que a sobrecarrega nos cuidados

14 *Ibidem*. p. 46.

15 FURTADO, Sofia Caselli. *Migrações angolanas*. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2020. p. 45.

16 *Ibidem*. p. 46.

domésticos e a afasta do mercado de trabalho formal.¹⁷

É a partir deste cenário que se percebe que a mulher angolana nasce e vive numa cultura machista e desigual na qual o homem manda e a mulher só obedece. Viu-se que a taxa de desemprego é maior quando se trata das mulheres e o salário também é maior para o homem em relação ao salário das mulheres. De acordo com o relato de FURTADO (2020), a mulher angolana é obrigada a se casar cedo, antes de concluir a sua formação acadêmica. Nesse sentido, a imigração da mulher angolana ao Brasil pode ser entendida como uma fuga do machismo e desigualdade e ao mesmo tempo uma busca de liberdade de escolha e melhoria de condição de vida.¹⁸

Por outro lado, pesquisas mostram que algumas mulheres angolanas tomam decisões de migrar ou permanecer no Brasil pensando em filhos. Há um número significativo dessas mulheres que se encontram no Brasil por motivos relacionados à maternidade. Isso se percebe na pesquisa de Aline Lima Santos, Dirce Trevisi Prado Novaes e Maria de Fátima Guedes Chaves:

Para algumas mulheres angolanas as crianças são fundamentais nas decisões de migrar e de permanecer no Brasil. Há claros indícios de que parcela significativa desse grupo estrangeiro está no país por motivos relacionados à maternidade. Para isso contribuem experiências tidas e observadas pelas autoras em situações da vida cotidiana, em pesquisas de campo e junto às instituições de acolhimento a imigrantes. Como exemplo, vale citar que em uma imobiliária no bairro da Liberdade, na cidade de São Paulo, uma das autoras se deparou com angolanas buscando alugar apartamentos. Na conversa informal estabelecida, elas apontavam as dificuldades burocráticas que envolviam o aluguel, uma vez que pretendiam passar menos de um ano e que os contratos, geralmente, estabelecem prazo mínimo de um ano de locação. Elas explicaram que estavam no Brasil por motivo de tratamento de fertilização, o qual envolve períodos de repouso.¹⁹

Quando falamos das razões que levam a mulher angolana a sair de Angola não podemos nos esquecer da guerra civil de 1975 que se estendeu até 2002. Foi nesse período que a maioria dos angolanos, homens e mulheres vieram para o Brasil fugindo da guerra. É necessário frisar que o país caiu em guerra num

17 *Ibidem*. p. 47.

18 *Idem*. p. 45.

19 SANTOS, Aline Lima, NOVAES, D. Trevisi Prado e CHAVES Maria de Fátima Guedes: *Mulheres angolanas no Brasil: Reflexões sobre migrações, gênero e maternidade*. Vol. 3, número 2 jul/dez/2018. pp. 12-13.

momento delicado, no período em que tinha acabado de ganhar a sua independência. Nesse período, o país precisava se reerguer economicamente, pois havia sido explorado pelos portugueses. A guerra, portanto, travou o desenvolvimento e o povo se viu obrigado a buscar paz e oportunidades de trabalho fora de Angola. Foi assim que as mulheres angolanas escolheram o Brasil, pois seria fácil se adaptar num país da língua portuguesa.²⁰

2.4 A mulher angolana em São Paulo

A partir de agora, vamos delimitar o nosso tema e falar apenas da mulher angolana e assim, buscaremos entender a opção pela cidade de São Paulo, sua chegada e acolhida e como ela se insere nessa grande metrópole. Para entender essa trajetória, contaremos com respostas de quatro mulheres angolanas ao questionário que lhes mandamos, cujos contatos foram realizados a partir de visitas a serviços de atendimento aos imigrantes em São Paulo.

a. Por que São Paulo?

Pesquisas apontam que a maioria das mulheres angolanas no Brasil residem na cidade de São Paulo. Ao consultar os dados da organização Missão Paz de 2018 percebe-se que o número dos angolanos atendidos no Estado de São Paulo disparou consideravelmente, sendo 54 pessoas em 2013, e até 2017 haviam sido atendidos cerca de 1.309 angolanos, 51,4 % eram homens e 48,6% eram mulheres.²¹ (MISSÃO PAZ, 2018).

Os dados da ACNUR e da Cáritas São Paulo apontam que a maioria dos refugiados acolhidos em São Paulo moravam na zona leste. Em 2018 foram atendidos cerca de 6.500 refugiados na cidade de São Paulo, mais da metade eram provenientes de Angola, Venezuela e Congo. Os angolanos eram 1.178 pessoas,

20SEBASTIÃO, João Mahinga. Aspectos do Mercado de Trabalho em Angola: O período colonial, pós a independência e o período pós o fim da guerra civil década de 2000. Araraquara, SP: UNESP, 2012. p. 21.

21<http://www.missaonspaz.org/multimedia/>. Acesso em 27 de agosto de 2021.

ocupando o primeiro lugar com 20% dos imigrantes acolhidos na época, em segundo lugar era Venezuela com 1.122 pessoas (19.8%), terceiro lugar Congo com 768 pessoas (13.6%). A Síria ocupava o quarto lugar com 604 pessoas acolhidas (10.7%, e no sexto lugar estava a Nigéria com 234 pessoas (4,14%). Essa pesquisa também mostrou que 55% dos refugiados acolhidos moram na zona leste da capital paulista, 26% no centro e 9.5% na Zona Sul da cidade de São Paulo.²²

Esses dados levantam uma pergunta: por que São Paulo? Nesse subtítulo, portanto, vamos apresentar os motivos que fazem com que a mulher angolana prefira se deslocar para a cidade de São Paulo e não a outra qualquer.

Laís Modelli citando Silvia Sander da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) deixa claro que os refugiados preferem se hospedar na cidade de São Paulo e principalmente no centro da cidade. Ela afirma:

Quando falávamos em refugiados nos anos 2000, pensávamos em pessoas vivendo em campos de refugiados. Hoje não é mais assim, pois essas pessoas migram de seus países direto para os centros urbanos", afirma Sander. "No caso do Brasil, os refugiados vindos nos últimos anos vieram diretamente para as áreas urbanas do estado de São Paulo, em especial para a capital.²³

Voltando ao nosso foco que é a mulher angolana em São Paulo, percebemos que a maioria delas escolhem viver na cidade de São Paulo, fixando a sua residência próximo às estações da Linha 3-Vermelha do Metrô, via importante para o comércio formal e informal da cidade. Isso implica que a cidade de São Paulo é escolhida por ser um lugar que oferece várias oportunidades de trabalho.

2. RESULTADO DA PESQUISA

Na parte anterior, o nosso trabalho baseou-se em pesquisas de livros, artigos e

²²Modelli Laís (<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/10/23/angolanos-venezuelanos-e-congoleses-sao-mais-da-metade-dos-refugiados-vulneraveis-atendidos-em-sp-veja-mapa.ghtml>) Acesso em 02 de setembro de 2021.

²³MODELLI, Laís. Disponível no site: (<https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2019/10/23/angolanos-venezuelanos-e-congoleses-sao-mais-da-metade-dos-refugiados-vulneraveis-atendidos-em-sp-veja-mapa.ghtml>) Acesso em 15 de setembro de 2021.

vários sites que abordam a questão da imigração. Nessa parte, vamos ouvir o que a mulher angolana que vive aqui no Brasil tem a dizer. Fizemos um questionário e mandamos para algumas mulheres angolanas, apresentando suas respostas para conhecermos suas histórias de vida.

Como afirma Martinelli (2012): “Não é o número de pessoas que vai prestar a informação, mas o significado que esses sujeitos têm, em função do que estamos buscando com a pesquisa.”²⁴

Nas entrevistas que fizemos, 25% das mulheres entrevistadas tinham 27 anos, 50% tinham 30 anos e 25% tinham 37 anos de idade. Essas percentagens demonstram que a maioria das mulheres que imigraram para o Brasil têm idade acima de trinta anos. É interessante perceber que a maioria das mulheres que responderam a nossa pesquisa são mães e têm ensino superior concluído.

O nosso questionário tinha como objetivo entender se a pessoa veio sozinha ou não, como era a vida em Angola, o motivo que a levou a sair de Angola, as expectativas ao escolher o Brasil, a acolhida ao chegar no Brasil, como foi a sua inserção, qual tem sido a maior dificuldade ao se inserir e se a pessoa pretende voltar para Angola.

Ao entrevistar SL, mulher de 37 anos que mora na zona Norte de São Paulo e que está no Brasil há 5 anos, tivemos a oportunidade de sentir e ouvir o sofrimento que a maioria das Angolanas passam. Embora ela seja mãe de dois filhos, ela veio ao Brasil sozinha. Ela conta que teve que se separar de um marido que a tratava como propriedade pessoal e que não a deixava estudar:

“u vim ao Brasil sozinha e fiz essa escolha de imigrar ao Brasil após sair de um relacionamento abusivo. Tive um marido que me tratava como propriedade dele e não aguentei, daí pedi o divórcio. Após a separação, o meu ex-marido começou a me perseguir, isso me deixou abalada e precisei buscar a paz fora de Angola. Não podia me deslocar para outra província de Angola porque ele podia me achar e me machucar porque ele nunca aceitou a separação, por isso achei melhor imigrar ao Brasil para estar longe dele e cuidar da minha saúde emocional. (SL).²⁵

Embora a situação da SL seja um caso isolado, percebe-se que o machismo contribuí nas imigrações. Esse tratamento de mulher como um objeto pessoal do companheiro faz com que a mulher angolana se sinta incomodada e por isso opte

24LUCIA, Maria Martinelli: *Pesquisa quantitativa; um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, 2012, p.24.

25Observação: utilizaremos siglas para representar os nomes das pessoas entrevistadas a fim de preservar a sua imagem e identidade.

por buscar a sua liberdade.

A SL tem a faculdade concluída, ela conta que isso só foi possível depois de imigrar ao Brasil. Não é à toa que ela descreve a vida dela em Angola nesses termos:

A vida lá era simples, sem formação superior que eu sempre achei melhor. Eu apenas tinha ensino fundamental, e por isso só conseguia trabalhos simples; como limpeza e auxiliar de logística. Insisto em dizer que o salário era menor. Isto explica porque eu não conseguia fazer a faculdade que eu sempre quis. Agradeço a Deus pela oportunidade que o Brasil me ofereceu, eu me formei aqui no Brasil e ainda penso em fazer uma pós graduação. (SL).

A nossa entrevistada, SL conseguiu concluir a faculdade que tanto quis aqui no Brasil. Ela conta que foi graças ao trabalho como cozinheira numa escola que ela conseguia financiar os seus estudos.

Como a SL, a VP também veio sozinha. Ela tem 27 anos e está no Brasil há 8 anos. A VP mora na zona leste de São Paulo. Ao falar da sua saída e chegada no Brasil, ela conta o seguinte:

Eu vim no Brasil sozinha. Sempre quis estudar fora de Angola. Escolhi o Brasil por causa da língua e a proximidade cultural. Fui bem acolhida, porém, a minha inserção não foi fácil. No princípio foi difícil por causa de preconceito e até mesmo racismo, mas agora o pessoal está se conscientizando. Lembro-me de vários momentos que eu não conseguia alugar a casa por causa do preconceito, só consegui alugar a casa quando aluguei junto com uma colega brasileira. Na faculdade fui bem acolhida, tive amigos que me ajudaram muito a me inserir na sociedade. (VP)

Nota-se que a VP teve dificuldades para se inserir na sociedade brasileira, entretanto, com a ajuda de amigos ela conseguiu superá-las. Isso demonstra o quanto o apoio é importante durante a inserção. Ao falar da maior dificuldade que ela enfrentou desde que chegou no Brasil, a VP afirma:

Além do preconceito que eu sofri no início, também tive dificuldade para me inserir no mercado de trabalho. Foi difícil conseguir a documentação porque o meu visto era de estudante e por isso não podia trabalhar aqui. Tive que ir para a Polícia federal para pedir a permanência. Foi um processo longo, mas depois consegui o RNE e CPF. Após conseguir os documentos, fiz a carteira de trabalho. Embora eu tenha concluído a faculdade, até hoje nunca consegui trabalho na minha área de formação. Sempre faço bicos em restaurantes e as vezes faxinas em algumas casas. A situação piorou com a crise provocada pela pandemia. Hoje em dia está difícil conseguir o trabalho, não falo só de mim, mas de todos independentes de ser estrangeiro ou brasileiro. (VP).

Algumas angolanas não tiveram a dificuldade de se inserir, pois contaram com ajuda de familiares que já moravam aqui há mais tempo. É o caso da AA que mora na zona sul de São Paulo. Ela tem 30 anos de idade e mora aqui há 6 anos. Ela conta que escolheu o Brasil por causa da língua que facilitaria a sua adaptação. Ao falar dos motivos que a fez sair de Angola

a Alzira diz:

A vida no meu país era complicada, eu estava desempregada e não havia oportunidades de trabalho, com os ensinos atrasados, sem apoio do governo. Por isso decidi sair do meu país rumo ao Brasil em busca de estudos e melhores condições de vida. A minha inserção foi fácil porque o meu tio já mora aqui há muito tempo. Ele e a sua família me acolheram e me hospedei na casa dele quando estudava. Não senti muita diferença cultural, até porque falamos a mesma língua e a cultura brasileira é muito parecida a nossa cultura africana. (AA).

Ao contrário da AA, a SL enfrenta dificuldades ligadas à sua família que ficou em Angola, conta em seu depoimento:

A maior dificuldade que eu passei e ainda passo é sentir que a minha família nunca apoiou a minha decisão. É triste ver como a minha família me trata. Embora não diga, a minha mãe gostaria que eu tivesse continuado naquele casamento abusivo. Os meus tios me consideram rebelde por ter imigrado ao Brasil. Sou mãe de dois filhos, e com certeza o desejo de toda mãe é ter seus filhos perto dela. Já fiz várias tentativas de trazê-los para cá, mas nunca deu certo. Sempre choro quando penso nisso. Pergunto-me, será que um dia vou conseguir trazer meus filhos? Quem pode me ajudar? Essas e outras são perguntas que sempre me deixam pensativa e sem esperança num futuro melhor. (SL)

Embora a SL tenha passado por tantos desafios, ela reconhece que o Brasil tem sido o lugar onde ela conseguiu reconstruir a sua vida após um passado conturbado. Ao questionarmos se ela pretende voltar para Angola, ela respondeu:

Não penso em voltar para lá. Confesso que sinto saudades da minha infância, da minha família e do meu país, mas não posso deixar tudo que eu tenho construído aqui. O Brasil me ofereceu oportunidade que o meu país não me proporcionaria. Por isso acho melhor continuar aqui e lutar até trazer meus filhos. (SL).

Ao contrário da SL, AA e VP que pensam em permanecer no Brasil, a AC pensa em voltar para Angola. A AC está no Brasil há 2 anos. Ela veio por motivo de estudos. Ela considera a sua participação no crescimento do país importante. Ela diz:

Olha, eu vim para cá para estudar e depois regressar ao meu país. Ganhei uma bolsa do governo para conseguir estudar aqui, por isso não voltar seria uma ingratidão à minha pátria. Eu sempre sonhei em uma Angola melhor onde ninguém precisa imigrar para outros países em busca de melhores condições de vida. Infelizmente hoje em dia há muitos angolanos fora do país porque o país nunca se empenhou na criação de oportunidades de trabalho. A maioria nem considera isso importante, até porque quem está no governo ganha um salário absurdamente alto, e, portanto, nem sente o que a maioria dos angolanos passam. Quero fazer parte da equipe que vai mudar a história de Angola, tomara que surjam outros que pensem como eu. (AC).

A sua história nos faz entender que a AC teve melhores condições de vida. Não é à toa que ela queira voltar e continuar em Angola, pois ela já tem uma vida sólida lá. Perguntada como era a sua vida em Angola, a AC responde:

A minha vida em Angola é boa, não tenho nada a reclamar. Lá atuo como professora do ensino primário, não ganho muito bem porque o trabalho do professor não é muito valorizado. Mesmo assim estou feliz lá. Fiquei feliz quando ganhei essa bolsa de estudos fora de Angola, isso me fez acreditar no meu sonho de mudar o país. (AC).

Pudemos concluir com a pesquisa, que cada uma das angolanas possuem a singularidade de suas histórias. Nota-se que algumas delas têm histórias dolorosas e tristes, entretanto, outras delas narram vitórias das quais se orgulham, é o caso das angolanas que apenas vêm ao Brasil para fazer tratamento médico ou para estudar, como é o caso de M.A. que diz:

“Eu sempre sonhei em ser mãe, mas devido a problemas biológicos precisei fazer um tratamento de fertilização. Podia ter feito no meu país, mas infelizmente essa tecnologia ainda não chegou no meu país. (MA)”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da nossa pesquisa, tivemos como foco abordar o tema da imigração da mulher angolana ao Brasil. Pretendíamos perceber o que provoca essa imigração, como essas mulheres chegam ao Brasil, como são acolhidas e como se inserem na sociedade brasileira, principalmente no mercado de trabalho.

Viu-se que há vários motivos que levam a mulher angolana a sair do seu país de origem rumo ao Brasil, entre eles; machismo, desemprego, guerras, busca de tratamento de saúde, estudos e busca de melhores condições de vida. A maioria das mulheres que entrevistamos saiu de Angola em busca de melhores condições de vida. Elas escolhem o Brasil como o país de destino devido à proximidade cultural e linguística.

Notamos que a chegada no Brasil nem sempre é fácil. A maioria dessas mulheres chegam sem conhecer ninguém e isso dificulta a sua inserção na sociedade brasileira. As que têm familiares aqui se inserem rápido, pois contam com apoio dos seus familiares. Vale a pena ressaltar que o processo para se legalizar sempre é longo, assim sendo, a maioria dessas mulheres levam muito tempo na aquisição de documentos a fim de conseguirem se inserir no mercado de trabalho.

Ressaltamos que o povo brasileiro ajuda muito nessa inserção. A maioria das mulheres que entrevistamos deixou claro que contou com a ajuda do povo brasileiro no início. Esse apoio do povo brasileiro foi importante para elas superarem as dificuldades que enfrentavam. A maioria dependeu de ajuda financeira para recomeçar sua vida aqui no Brasil.

Foi interessante perceber que a maioria dessas imigrantes angolanas têm a faculdade concluída. Entretanto, tanto elas como outros brasileiros formados não conseguem arrumar trabalho na sua área de formação devido à crise provocada pela pandemia da covid 19. Mesmo assim, elas não desistem, elas continuam estudando pensando em dias melhores. A paciência, garra e persistência são palavras que as definem.

A nossa pesquisa nos levou a perceber que a imigração é um problema global, não se trata do país de origem e nem o de destino. Por ser um problema global, a imigração requer atenção do mundo inteiro, não se trata só de acolhimento aos imigrantes e refugiados, mas também de criação de políticas direcionadas a esse segmento.

Em conclusão, a migração da mulher angolana é uma realidade que se fez e ainda continua se fazendo presente no Brasil. O país e a cidade de São Paulo, recorte dessa pesquisa, têm acolhido e apoiado para que elas possam recomeçar a sua vida. Essa realidade precisa ser conhecida pelas/pelos assistentes sociais, que certamente encontrarão mulheres angolanas no cotidiano profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FURTADO, Sofia Caselli. *Migrações angolanas*. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2020.

SEBASTIÃO, João Mahinga. *Aspectos do Mercado de Trabalho em Angola: O período colonial, pós a independência e o período pós o fim da guerra civil década de 2000*. Araraquara, SP: UNESP, 2012.

SANTOS, Aline Lima, NOVAES, D. Trevisi Prado e CHAVES Maria de Fátima Guedes: *Mulheres angolanas no Brasil: Reflexões sobre migrações, gênero e maternidade*. Vol. 3, número 2 jul/dez/2018.

PAULA, Valéria Sanchez de. *Imigrantes angolanas em São Paulo; Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais*. São Paulo: Universidade Aberta, 2018.

BENJAMIN, R. Festas da afro-descendência. In: *Cultura popular e educação*.

Brasília. Secretaria de educação à distância.

SITES PESQUISADOS

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/10/23/angolanos-venezuelanos-e-congoleses-sao-mais-da-metade-dos-refugiados-vulneraveis-atendidos-em-sp-veja-mapa.ghtml>).

<http://www.missaospaz.org/multimedia/>. Acesso em 27 de agosto de 2021.

<http://museudaimigracao.org.br/escravidao-africana-como-migracao-forcada/> (texto publicado) especialmente para a exposição: escravidão africana como migração forçada.

<http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/>

[migrationreport/docs/MigrationReport2015](http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/publications/migrationreport/docs/MigrationReport2015).